

Sumário descritivo

GA 220 O conhecimento vivo da natureza, o pecado original intelectual e a remissão espiritual do pecado original

Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1982

Tradução: Salvador Pane Baruja, 01/12/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Sumário

Primeira conferência, Dornach 5 de janeiro de 1923

A relação da humanidade primitiva com o Cristo como um ser solar. Até o século IV depois de Cristo, sua “imagem” era vivenciada no sol cósmico. Julião Apóstata. Depois da emancipação da alma do corpo etérico; começa a “necessidade do Cristo”. Os “séculos intermediários” até Copérnico, Galileu e Kepler. A partir daí, as forças do conhecimento se retraem na própria alma; surge a imagem matemático-naturalista do mundo; a possibilidade de achar no interior da alma o Cristo vivo como sendo a essência que sustenta o Eu.

Segunda conferência, 6 de janeiro de 1923

A miséria do conhecimento e a possibilidade oculta do conhecimento no atual mundo acadêmico. O possível resultado do atual estudo das Ciências Naturais: a “angústia do conhecimento”; e do estudo das Ciências Espirituais: o “sufoco espiritual”. Essas são experiências que o desejo de penetrar realmente o espiritual poder gerar, assim como a sua capacitação. A respeito da possibilidade de, através da ação individual no movimento antroposófico, realizar-se o dever perante o futuro da humanidade. O necessário cuidado da vida anímico-espiritual, no qual a nova e a velha gerações podem ser encontradas de maneira séria, compreensiva e vigorosa.

Terceira conferência, 7 de janeiro de 1923

Os níveis de consciência e suas relações com os membros do ser humano. A direção horizontal da percepção e da representação (a consciência diurna). Do fundo da Terra emanam as forças dos metais e a correspondente tendência dos sentimentos no ser humano (a consciência durante o sonho, a imaginação). Os efeitos que descem das estrelas e a correspondente tendência da volição no ser humano (consciência durante o sono, a inspiração). Formas adicionais doentias e injustificáveis da percepção. O uso correto para o autoconhecimento; a respeito do conhecimento através das forças do coração. O verdadeiro conhecimento humano do “corpo”, do “fundamento da vida anímica” e “o que vivifica o espírito”. As sugestões disso na obra de Goethe *Wilhelm Meister*.

Quarta conferência, 12 de janeiro de 1923

J. Böhme, G. Bruno e F. Bacon são representantes do período de transição das antigas tradições da sabedoria para o materialismo. Como o mal supra-sensorial, a magia e o conhecimento interior ainda tinham um papel consciente nas formas características da Idade Média (Merlin, Fausto) e nos últimos místicos. O materialismo como desfecho da briga a respeito da Eucaristia. A disputa pelo novo conhecimento do mundo e do ser humano em relação à existência pré-natal, presente e pós-morte; a insuficiência das forças do conhecimento de J. Böhme, G. Bruno e F. Bacon.

Quinta conferência, 13 de janeiro de 1923

A realidade dos processos vivos do sal, do enxofre e do mercúrio diante das abstrações mortas da atual Ciência Natural. O processo do sal na vida sensorial e na alimentação: as novas configurações dos pensamentos do mundo no corpo etérico; a antiga clarividência. O processo do enxofre: a

incinerante intervenção do elemento astral através do ar, dando nascimento à volição. O equilíbrio através do processo mercurial. Böhme, Bruno, Bacon. Substituição da outrora vivência interior dos pensamentos do mundo pela futura contemplação espiritual e livremente conquistada do mundo exterior.

Sexta conferência, 14 de janeiro de 1923

A necessidade da consolidação interna da Sociedade Antroposófica. O ser humano se distancia da sua essência espiritual a partir do século IV depois de Cristo. A destruição da cultura helênica. A inversão das relações do anímico-espiritual com o físico-etérico durante o sono e o despertar desde essa época. A civilização atual dorme. A Antroposofia é o chamado para o um novo despertar no mundo.

Sétima conferência, 19 de janeiro de 1923

A verdade, o belo e o bom. A sensação do ser no corpo físico e o verdadeiro do ser humano. A ligação com o pré-terreno. O ser humano se apoia no corpo etérico por meio da vivência do belo: o grego da antiguidade e a beleza. A aparente ligação do elemento terreno presente com o espiritual. A compreensão vívida do corpo astral através do bem: a capacidade de vivenciar a essência de outro ser humano; o ponto de partida da moralidade. A sua ligação com o mundo depois da vida terrena.

Oitava conferência, 20 de janeiro de 1923

A vivência da espiritualidade natural nos tempos antigos e seu desaparecimento na atualidade. Os seres elementais educam e cuidam das forças humanas do conhecimento; como eles se retiraram com o desenvolvimento da liberdade. A compreensão imaginativa e real das formas naturais (“entender a linguagem da natureza”) é uma maneira de agradecer os espíritos da natureza (por exemplo, o peixe, o pássaro). As consequências dessa visão de mundo para a vida da Sociedade Antroposófica. Os sentidos da realidade, da beleza e do bem como pontos de partida da construção da comunidade antroposófica.

Nona conferência, 21 de janeiro de 1923

O pecado original e a consciência do pecado. A relação entre o pecado original moral e o intelectual. O surgimento de “os limites do conhecimento”. Como o pensar livre e vigoroso leva o ser humano a se elevar espiritualmente acima do pecado. A expansão do conhecimento no cosmos como o caminho para entender o Cristo. A respeito da devoção e da arrogância. O perigo das seitas.

Décima conferência, 26 de janeiro de 1923

A queda da atual cultura da consciência na exclusão do pensamento medieval e as profundas forças vitais do elemento pré-natal no ser humano. A perda da consciência da pré-existência e o desenvolvimento da ciência dirigida exclusivamente para a sensorialidade. A necessária expansão do Goetheanismo para a metamorfose da forma humana (o crânio). A revelação do pré-natal na beleza entre os gregos da antiguidade. O pecado original corretamente entendido numa nova Cristologia. A Antroposofia como o conteúdo vivo do desenvolvimento da humanidade.

Décima primeira conferência, 27 de janeiro de 1923

O origem da atual vida espiritual a partir da Escolástica. O realismo como ponto final da compreensão espiritual passada. O nominalismo como ponto de partida da moderna intelectualidade: a perda do princípio do Pai na contemplação da natureza, a possibilidade do

ateísmo, a perda da Trindade. Em busca da compreensão do Cristo na sua particularidade. O conhecimento do Cristo como a conclusão da obra do Pai por meio do despertar para o destino na vida terrestre. O novo realismo da Antroposofia.

Décima segunda conferência, 28 de janeiro de 1923

O ser humano na atualidade e o peso da História: H. Grimm; Fr. Nietzsche. A presente incapacidade de viver criativamente o mundo. Os impulsos morais e imorais como germe de uma futura nova ordem da natureza. O natural do presente é a consequência dos impulsos morais do passado. A penetração inconsciente das Ciências Naturais na moralidade (por exemplo, o mal moral) das forças da natureza (luz, eletricidade). A renovação da civilização a partir dos fundamentos da humanidade (o mergulho no espírito da linguagem, a Eurytmia).

Observações